
Perspectivas.

de Emir Sader

Rio de Janeiro: Record, 2005.

Maurício Pedro da Silva

Doutor em letras e literatura brasileira – PUC-SP;
Pesquisador do Instituto de Pesquisas Lingüísticas
Sedes Sapientiae – PUC-SP;
Professor na UniFMU e na Uninove;
maurisol@bol.com.br

Tema que está – há algum tempo – na ordem do dia das preocupações sociológicas, econômicas, políticas e culturais, a globalização tem merecido os mais variados enfoques teóricos, que vão desde sua aceitação entusiástica até sua rejeição incondicional, passando por uma posição mais equilibrada, a qual, por exemplo, considera a necessidade de transformação do modelo vigente. Esta última é, *grosso modo*, a proposta do novo livro, *Perspectivas*, do renomado sociólogo Emir Sader.

Nele, o autor começa afirmando que o neoliberalismo se impôs, inicialmente, como alternativa para o esgotamento do ciclo de expansão da economia mundial, que se verificou no período pós-Segunda Guerra, sobretudo entre os anos de 1940 e 1970: após, portanto, um curto período em que se verifica uma expansão da produção industrial tanto nos países capitalistas quanto socialistas, instala-se uma crise generalizada (cujo marco principal foi a crise do petróleo, 1973), surgindo o neoliberalismo, que, defendendo a desregulamentação da economia e a livre concorrência, promove a “[...] hegemonia da ideologia de mercado” (p. 19).

Assumido como modelo pelo capitalismo, o neoliberalismo adquire, segundo o autor, escala mundial a partir dos governos Thatcher (Inglaterra) e Reagan (Estados Unidos), apoiando-se em órgãos

como o Fundo Monetário Internacional (FMI) ou a Organização Mundial do Comércio (OMC) e ganhando força com a derrocada do socialismo e o enfraquecimento dos países do Terceiro Mundo. Assim, os Estados Unidos passam a se afirmar como superpotência mundial, impondo as principais teses da chamada globalização neoliberal: o livre comércio, a livre circulação de capitais, a livre competição, o favorecimento do capital financeiro e a regulação da economia pelo mercado. Em suma,

[...] do modelo de capitalismo regulado, hegemônico desde a crise de 1929, o capitalismo passou a adotar de forma crescente o modelo neoliberal, de desregulação, de redução da presença do Estado na economia, de abertura para o mercado mundial, de privatização, de flexibilização – isto é, precarização – das relações de trabalho. A globalização neoliberal é resultante direta dessa nova configuração econômica do mundo, da adoção pelo capitalismo de um novo modelo hegemônico [...] (p. 38).

Todo esse processo não se fez sem reações diversas, sobretudo em razão dos efeitos negativos da política neoliberal, como o aumento do desem-

prego, retração do setor público e precarização das relações de trabalho, resultando, inclusive, em crises generalizadas, como as do México, Rússia, Sudeste Asiático ou Brasil, ao longo das décadas de 1980 e 1990. Assim, nasceram os movimentos de resistência e oposição à onda neoliberal, capitaneados, a partir de 2000, pelo Fórum Mundial Social (FSM), que se opunha ao Fórum de Davos (idealizado por líderes e empresários das principais economias do mundo) e propunha uma globalização mais integradora, cooperativa, justa, humanista e solidária. Como proposta central e alternativa à globalização neoliberal, esses movimentos de resistência pregam a revalorização dos estados nacionais como forma privilegiada de organização política, articulação econômica e afirmação dos direitos sociais:

[...] os Estados Nacionais têm, portanto, um papel estratégico na afirmação das democracias políticas com conteúdos sociais, na formação e colocação em prática de estratégias de desenvolvimento, de afirmação da soberania nacional, de universalização dos direitos, de construção das múltiplas identidades culturais [...] (p. 54).

Embora diversos, esses movimentos de resistência à globalização neoliberal têm em comum, além da própria oposição ao neoliberalismo, o confronto com a mercantilização geral do mundo, resgatando valores universais do internacionalismo, uma vez que, segundo o autor, “[...] somente o resgate do espírito de solidariedade internacionalista pode propiciar uma política que reverta as leis do comércio mundial, de forma a revalorizar as vidas humanas e suas culturas acima do capital e dos seus lucros [...]” (p. 68).

Trata-se, portanto, de um processo – como já se sugeriu – que requer não apenas a transformação

das relações sociais, mas também a democratização do Estado.

Não resta dúvida, portanto, de que as lutas de resistência ao processo de mercantilização imposto ao mundo – lideradas, sobretudo, pelos Fóruns Sociais Mundiais – afirmam-se contrariamente à idéia de que haveria uma única política possível (tese defendida pelo Consenso de Washington), de que estaríamos condenados à democracia liberal e à economia capitalista (tese conhecida como Fim da História), de que a globalização neoliberal seria irreversível. Ao contrário, esses movimentos contestatórios apresentam alternativas para novas formas de relacionamento social e econômico, que passam pela revisão das dívidas dos países periféricos, pela busca de novas maneiras de financiamento de um desenvolvimento sustentável, pela democratização da informação (e dos meios que a veiculam), pela ampliação da esfera do Estado, pela democratização do acesso à terra, pela promoção da distribuição de renda e outros caminhos que desagregariam, definitivamente, a hegemonia neoliberal.

Escrito sob a forma de perguntas e respostas, seu mais recente livro parte das experiências das Internacionais Socialistas no século XIX para chegar às experiências atuais de articulação de movimentos de contestação do neoliberalismo, como O Fórum Social Mundial e outros. O autor lança mão, ainda, de um vasto rol de estatísticas e dados colhidos nas mais diversas instituições, governamentais ou não, criando, assim, um discurso profundamente autorizado e revelando a fragilidade em que se assentam as relações comerciais entre as nações globalizadas.

Perspectivas é uma leitura obrigatória que complementa, de modo cabal, a bibliografia crítica acerca do processo de globalização pelo qual passa a sociedade contemporânea.